



Jornalismo literário: uma análise da revista *Brasileiros*

Geovanna Argenta de Bastos Resende ¹

Resumo: Este trabalho busca identificar características do jornalismo literário no meio impresso e tem como objeto de estudo a revista *Brasileiros*, que possui uma tiragem mensal de 41 mil exemplares. Foram analisadas duas reportagens da revista correspondentes aos meses de fevereiro e abril de 2010, e chegou-se à conclusão de que é possível encontrar traços do jornalismo literário nos textos da *Brasileiros*, apesar de ter se constatado que as características buscadas não são predominantes no veículo. Como base teórica, utilizou-se na revisão bibliográfica o resgate de informações sobre o jornalismo de revista e os tipos textuais adotados pelo meio, focando a temática dos gêneros jornalísticos. Além disso, este estudo também discorre sobre o conceito e as características do jornalismo literário, fazendo uma breve contextualização de sua origem, para que o gênero fosse mais bem compreendido na análise das reportagens.

Palavras-chave: História do jornalismo; Jornalismo literário; Jornalismo de revista; Gêneros jornalísticos; Revista *Brasileiros*.

Introdução

Produzir revista é manter uma relação de amor com o leitor. A definição do editor espanhol Juan Caño (SCALZO, 2003, p.12) demonstra bem a idéia de se produzir este periódico tão particular, que apesar de ser uma das mídias mais antigas, tem se renovado ao longo dos séculos, para se adaptar às necessidades do seu público.

A história da revista ainda possui algumas páginas em branco, além de não encontrar total consenso sobre seu surgimento. De acordo com pesquisadores, a falta de

¹ Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Membro do NEPJOR (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Jornalismo e Multimídia), e-mail: argenta.geovanna@gmail.com

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

preservação de materiais ao longo dos séculos e a existência de várias versões sobre a criação da revista são as maiores dificuldades para se conseguir uma unidade histórica.

Esse veículo de comunicação nasce com algumas especificidades inéditas para o século XVII. Segundo Scalzo (2003, p.19), a mídia surgiu voltada para um público específico, uma das características mais fortes que a revista ainda carrega nos dias atuais.

Ao longo dos séculos, com a diminuição do analfabetismo e o desenvolvimento de novas idéias, a revista se popularizou primeiramente na Europa e nos Estados Unidos, e posteriormente começou a ganhar espaço no mundo todo.

A revista tem um contato mais íntimo com seu público, investindo tempo em saber quem ele é, quais suas preferências, seus questionamentos, suas dúvidas, suas curiosidades. O laço de afetividade que a revista consegue criar com o seu público e que a leva a se tornar um objeto querido, ainda existe por falarem a língua da sua audiência, fornecendo um material que a interessa, que foi produzido pensando nela.

Para Scalzo (2003, p. 12), a revista ainda tem o importante papel de estabelecer “um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a construir identidade, ou seja, cria identificações, dá sensação de pertencer a um determinado grupo”.

Além disso, elas são porta-vozes de transformações sociais, como quando começaram a abordar em revistas femininas temas como sexo, machismo, saúde, beleza, direitos da mulher e tantos outros, ajudando a consolidar as mudanças que já estavam acontecendo no universo feminino a partir dos anos de 1960. Scalzo ainda lembra que:

[...] com a mulher entrando para valer no mercado de trabalho, há um grande crescimento no mercado de revistas femininas. Nesse momento começam a aparecer também revistas que não tratam as mulheres como simples donas-de-casa e mães, mas como profissionais em busca de realização (2003, p.34).

Goulart (2006) destaca algumas características particulares do veículo:

A variedade – muitos assuntos para fisgar o leitor e passar a sensação de janela do mundo; a especialização – centrada num determinado universo de expectativas, visto que conhece seu leitor; visão de mercado – por conhecer seu público, apresenta um produto de olho nos nichos de mercado; texto – o público é curioso, escolhe a revista,

logo, se importa com o texto; imagem – o leitor é seduzido com apelo visual, com o bom fotojornalismo. Texto e imagem, traduzidos em matéria bem escrita e apresentação visual eficiente são as bases da revista.

Quanto à especialização que defende Goulart, Scalzo (2003, p.55) é cautelosa, pois, segundo a autora, esse assunto divide opiniões, afinal seria “a falta de especialização do jornalista que, teoricamente, capacita-o a perguntar o que não sabe para quem domina determinado assunto e, depois, traduzir tal informação, de modo que todo mundo a entenda”.

A compreensão dos tipos de texto empregados na revista é essencial para clarificar o conceito deste periódico e melhor apreender suas características. Para isso, será necessário resgatar a temática dos gêneros jornalísticos, bem como suas classificações e as especificações de cada um.

Gêneros jornalísticos

Entender os gêneros jornalísticos é aprender a fazer jornalismo, segundo Lia Seixas (2009, p.1). A autora acredita que só o aprofundamento do conceito e o desenvolvimento de técnicas para melhor compreensão dos gêneros jornalísticos podem levar ao desenvolvimento pleno da prática jornalística, conseqüentemente do jornalismo de revista.

Seixas, como diversos estudiosos da área, propõe uma reforma na classificação dos gêneros, mas como ainda não se chegou a uma unidade, nesse trabalho serão sintetizados os quatro gêneros jornalísticos mais comentados atualmente. São eles: informativo, opinativo, interpretativo e diversional (ou recreativo).

O gênero informativo, predominante no Brasil a partir do século XX, é um relato que tomou lugar do jornalismo poético e opinativo, característico dos primórdios do jornalismo brasileiro. Para Bahia (apud Lopez e Dittrich, s/d), o jornalismo informativo é o que melhor traduz a teoria da pirâmide invertida, pregada pelo jornalismo americano. O autor resume que:

O jornalismo informativo é aquele utilizado pelos meios de comunicação impressos brasileiros na cobertura diária das informações. Este estilo trabalha com as informações elaboradas e

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

apresentadas em estrutura mais direta, textos normalmente curtos e respondendo a seis perguntas básicas: que? Quem? Quando? Como? Onde? Por que? (s/d, p.2)

No sentido oposto, o jornalismo opinativo é a análise da realidade através dos olhos do emissor, ou seja, é um gênero que assume uma postura declarada sobre algum assunto. Segundo Melo, além do jornalismo informativo, é preciso haver opinião, pois:

É justamente a necessidade que tem os cidadãos de recorrer a uma mediação para apreender uma realidade que se tornou muito ampla para ser captada pelos mecanismos da sensorialidade individual. Justifica-se a manutenção de instituições que façam saber aos interessados o que está acontecendo e possam também dizer o que pensam dos fatos que ocorrem. (2003, p.63)

Saindo do paradigma entre informação e opinião, o jornalismo diversional ou recreativo foi o último a ser reconhecido e estudado como gênero jornalístico. Segundo Campos (2009), se trata de “um estilo leve, bem humorado, mais arejado, que não deve ficar confinado a este ou aquele caderno, mas que deve perpassar todo o jornal, do Esporte ao Editorial”. Segundo Melo, “com a segunda metade do século XX com a predominância do entretenimento da mídia, o jornalismo teve que se alterar, introduzir estruturas de informação, que informa divertindo, informa dando prazer”.

Por fim, o jornalismo interpretativo é o que mais gera divergências. Grande parte dos estudiosos acredita que esse gênero é a análise de fatos divulgados, e o diferenciam do relato puro da informação. Campos (2009) explica que:

Enquanto o Opinativo parte da informação ou de um pressuposto que configura uma hipótese a ser provada, desenvolvendo em seguida uma argumentação lógica baseada em boa pesquisa, terminando com uma conclusão persuasiva, o Interpretativo deixa para o leitor a decisão de acatar ou não a informação passada do modo mais claro e mais explicativo possível, sempre buscando a contextualização histórica, o entorno do fato, os detalhes do acontecido ou declarado, para ir além do meramente declaratório.

A reportagem é o produto jornalístico que melhor traduz o gênero interpretativo, em especial nas grandes reportagens, pois permite que o repórter tenha mais liberdade quanto a sua abordagem.

Sodré e Ferrari (1986, p. 9) destacam que a reportagem é um gênero jornalístico privilegiado “onde se contam, se narram as peripécias da atualidade”. Segundo os

**Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010**

autores, seu principal traço seria a narração jornalística, “com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa”.

Kotscho destaca que o papel da reportagem também deve ser “[...] fazer com que o leitor viaje junto, o repórter cumprindo sua função primeira: colocar-se no lugar de pessoas que não podem estar lá, e contar o que viu como se estivesse escrevendo uma carta a um amigo” (2001, p.16).

Segundo Melo (2008), “o gênero interpretativo que teve uma vigência muito forte nos anos 60 e 70, desapareceu nos anos 80, voltou nos 90 e agora está se desenvolvendo muito”. Campos (2009) concorda que está havendo um retorno ao jornalismo interpretativo pela fadiga do público em ter muitas informações, mas, em geral, serem todas superficiais e sem apresentar qualquer encanto. Ele ainda acredita que o jornalismo interpretativo propõe:

Uma nova abordagem que alia o honesto registro do fato acontecido (ou da declaração), como é esperado do jornalismo, com a capacidade de ousar na criatividade, na imaginação, na descrição de detalhes, na imersão em profundidade, no registro de histórias de vida das pessoas do mundo real.

Além disso, o autor defende a utilização de uma nova linguagem jornalística que modifique a maneira de escrita na mídia impressa. Por fim, Campos (2009) acredita que essas necessidades podem ser preenchidas pela proposta do jornalismo literário avançado, um novo movimento que descende de um velho conhecido casamento entre o jornalismo e a literatura.

Jornalismo literário: conceito e caracterização

A convergência entre o jornalismo e a literatura, conhecida principalmente por jornalismo literário, assumiu a importante função de dar voz às mudanças sociais em diferentes épocas, e ressurge como uma alternativa ao jornalismo superficial presente na mídia do século XXI.

O ponto mais complexo para entender o conceito de jornalismo literário é o fato de que o jornalismo e a literatura, a partir do início do século XX, passaram a ser consideradas áreas antagônicas. Scalzo (2003, p.57) deixa claro esse posicionamento ao

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

afirmar que “jornalismo não é literatura. Quando tenta ser, arrisca-se a soar como mera ‘literatice’”.

Apesar de Bulhões (2007, p. 16) afirmar que “na literatura o componente ficcional é um dos atributos mais encantadores”, por ter saciado durante séculos as “necessidades de fantasia dos seres humanos”, é necessário lembrar que as escolas literárias tiveram uma importante função no registro de suas épocas.

Um bom exemplo é o Realismo, escola literária do século XIX, na qual os romancistas escreviam textos baseados na captação do real. Na definição de Wolfe (apud Lima, 2004, p. 181), os romancistas realistas “aceitavam rotineiramente a desconfortável tarefa de se fazer reportagem, ‘cavando’ a realidade simplesmente para reproduzi-la direito. Isso era parte do processo de escrever romances.”

Por isso, Lima (2004, p.184), citando R. Thomas Bern, acredita que “o que nós presenciamos hoje é talvez apenas uma versão aperfeiçoada e sofisticada do que foi feito muitas vezes nos últimos quatro séculos. A narrativa jornalística literária de hoje reflete o processo de evolução de toda a redação jornalística”. Deste modo, devido ao constante entrelaçamento entre o jornalismo e a literatura, fica difícil determinar precisamente a origem do jornalismo literário.

Lima (2004) afirma que a própria formação do jornalismo se confunde com a história da literatura, assim como a propagação desta, em certos períodos históricos, se deve à existência da imprensa. O autor explica que:

Num primeiro momento, o jornalismo bebe na fonte da literatura. Num segundo, é esta que descobre, no jornalismo, fonte para reciclar sua prática, enriquecendo-a com uma variante bifurcada em duas possibilidades: a de representação do real efetivo, uma espécie de reportagem – com sabor literário – dos episódios sociais, e a incorporação do estilo de expressão escrita que vai aos poucos diferenciando o jornalismo, com suas marcas distintas de precisão, clareza, simplicidade. (LIMA, 2004, p.178)

Entretanto, apesar de se encontrar representantes do gênero no mundo todo, e dessa ligação perdurar durante os séculos, o jornalismo literário já foi considerado um gênero menor tanto por jornalistas como por escritores e ainda hoje encontra profissionais que não acreditam nessa união. Boa parte deles são adeptos à drástica

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

ruptura do jornalismo e da literatura que aconteceu nos anos 1950, com o início do império do lead nas redações de diversos países.

Para Bulhões (2008, p. 136), o lead – ou lide, em português - seria uma forma objetiva e imparcial de escrever notícias, respondendo já no primeiro parágrafo as seis perguntas que interessariam ao leitor: o que, quem, quando, onde, como, por quê?

A técnica, que já era adotada nos Estados Unidos desde o início do século XX, acabava de vez com o “nariz de cera”, ou seja, uma introdução vaga e sem muitos detalhes do que se falaria no texto. Entretanto, foi no cenário pós-guerra, que esse estilo dominou os manuais de redação de jornais do mundo inteiro, atraídos pelo “capital publicitário internacional” (Bulhões, 2008, p. 138).

Mas, ao mesmo tempo em que se percebia o enorme crescimento dos manuais de redação do mundo todo que adotavam o lead como o melhor jeito para escrever uma matéria objetiva, neutra e imparcial, iniciava-se também nos Estados Unidos, um movimento que negava esse jeito engessado de escrever, e propunha o renascimento da união jornalístico-literária.

Porém, antes de falar deste e dos outros subgêneros que o jornalismo literário possui, é preciso melhor entender o herdeiro da forte personalidade do jornalismo com a complexa estética da literatura.

Vitor Necchi (2007) acredita ser importante esclarecer que o gênero “não se trata de jornalismo de literatura, ou seja, que se ocupa de literatura como objeto”, e afirma que um dos principais diferenciais do jornalismo literário é sepultar alguns mitos do jornalismo, como a impessoalidade e a primazia do lead. O autor caracteriza o jornalismo literário pela “profunda observação, imersão na história a ser contada, fartura de detalhes e descrições, texto com traços autorais, reprodução de diálogos e uso de metáforas, digressões e fluxo de consciência”.

Enfim, o jornalismo literário busca potencializar os recursos do jornalismo, levando o leitor a se sentir contextualizado na reportagem, partindo do princípio que a comunicação é um agente libertador que vai muito além de noticiar pequenos fragmentos da realidade.

Procedimentos Metodológicos

O problema de pesquisa proposto neste estudo é: a revista *Brasileiros* apresenta características do jornalismo literário? Para respondê-lo, foi utilizado um quadro teórico de referência, que teve como principais referências o livro *Jornalismo de Revista* (2003), de Marília Scalzo e o artigo *A (im)pertinência do termo 'jornalismo literário'* (2007), de Vitor Necchi. Por apresentar em seus estudos a conceituação das características do jornalismo literário, as definições de Necchi foram usadas para a análise desse estudo.

O objetivo geral desse trabalho é identificar características do jornalismo literário nas reportagens da revista *Brasileiros*. Como objetivos específicos, buscou-se resgatar informações sobre jornalismo de revista e os tipos textuais adotados pelo meio e discorrer sobre o conceito e as características do jornalismo literário.

Neste estudo, foi definido que o objeto seria a revista *Brasileiros*, um periódico mensal, com uma tiragem de cerca de 41 mil exemplares por mês. Do universo de publicações da *Brasileiros*, três edições foram analisadas, sendo elas o número 31, de fevereiro de 2010; 32, de março de 2010 e 33, de abril de 2010.

Na edição 31, foi analisada a reportagem “Haiti: o drama e a história de um país que já nasceu em ruínas”, escrita por Walteson Sardenberg, que ocupou 10 páginas da edição. No número 32, foi avaliada a matéria de capa “Sebastiana: mato-grossense de Guimarães, retratada em 1827 pelo francês Adrien Taunay, que estava na expedição do barão alemão Langsdorff a serviço do governo russo. E só agora pode ser vista em sua pátria natal”, de 10 páginas, escrita pelo historiador Jorge Caldeira. O número 33 foi analisada “O vento e o tempo”, de Geraldo Hasse.

Na avaliação das reportagens utilizou-se a análise de conteúdo voltada para os critérios qualitativos da matéria, que seguiu as fases de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, definidas por Bardin (1977). Na pré-análise realizou-se a pesquisa de conceitos que dessem respaldo teórico a esse trabalho, como livros e artigos sobre jornalismo literário, suas características e informações sobre jornalismo de revista e gêneros literários.

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

Na exploração do material, foi feita a leitura de duas edições aleatórias e posteriormente foram escolhidas as reportagens a serem analisadas, utilizando o critério do número de páginas, que, coincidentemente, em todas as matérias analisadas continham 10. O tratamento dos dados foi realizado com o cruzamento dos conceitos teóricos com o observado nas reportagens analisadas, objetivando fazer inferências para responder à hipótese desse trabalho. Por fim, a análise resultou em uma tabela de características do jornalismo literário, que, segundo Necchi (2007) são: profunda observação; imersão na história a ser contada; fartura de detalhes e descrições; texto com traços autorais; reprodução de diálogos; uso de metáforas, digressões e fluxo de consciências. Em seguida foram descritas as considerações finais sobre este estudo.

Análise da revista Brasileiros

Para a análise de características do jornalismo literário na imprensa nacional, o objeto de estudo selecionado foi a Brasileiros, uma revista mensal da Brasileiros Editora Ltda., publicada desde julho de 2007, e que, segundo dados fornecidos pela redação, possui a tiragem de 41 mil exemplares.

Este trabalho analisou o conteúdo da revista para verificar se as reportagens seguiam o propósito indicado pela redação do veículo. Foram selecionadas uma matéria de cada uma das edições 31, 32 e 33, que correspondem respectivamente aos meses de fevereiro, março e abril de 2010. As reportagens são descritas ao mesmo tempo em que se busca identificar nelas características de jornalismo literário, para que seja possível avaliar se foram encontradas e quais são elas.

Fevereiro de 2010

Na edição número 31, de fevereiro, foi analisada a reportagem de Walterson Sardenberg, cuja chamada de capa era “Haiti: o drama e a história de um país que já nasceu em ruínas”. As duas primeiras páginas são totalmente ocupadas com uma foto das ruínas em que se transformou a cidade de Porto Príncipe. A legenda diz “O caos: os veículos de forças internacionais trafegam em uma terra desolada”, porém nem era necessária, pois a imagem fala por si mesma.

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

O repórter não citou a escala do terremoto, os motivos que levaram à tragédia, o número de vítimas, a ajuda financeira que o Haiti recebeu dos outros países ou a quantidade de pessoas desabrigadas. Ele precisou inovar na abordagem, pois a tragédia já havia sido massivamente divulgada e trabalhada de diversas maneiras por vários veículos.

Sardenberg inicia a reportagem descrevendo uma foto do fotógrafo Caio Guatelli, que ele caracterizou como “uma das imagens mais chocantes e reveladoras dos dias que se seguiram à catástrofe” (BRASILEIROS, 2010, p. 64), pois revela um haitiano que acabara de ser morto por um policial e em seguida foi furtado por um conterrâneo.

A fatura de detalhes e a descrição, utilizadas no primeiro parágrafo, podem ser encaixadas na característica que Necchi (2007) atribui ao jornalismo literário. O repórter ainda escolhe para contar a história pessoas que tiveram profunda observação sobre as conseqüências do fato, outra característica que o autor considera que precisa estar presente no texto jornalístico-literário.

Os profissionais contaram desde problemas que tiveram com infra-estrutura e transporte, até experiências pessoais como ajudar uma adolescente que teve a perna esmagada ou explicar para uma avó que queria dar sua neta que não podia aceitar porque “era ‘apenas’ uma jornalista e não estava interessada na criança” (BRASILEIROS, 2010, p.64).

Na segunda parte, o repórter procura resgatar o histórico do “país que já nasceu em ruínas” (BRASILEIROS, 2010, p.67), e relata alguns dos acontecimentos que marcaram de forma negativa o país. O texto começa com uma informação chocante e segue regado a adjetivos, metáfora e opinião. O autor inicia afirmando que o Haiti é:

O país mais pobre das Américas, onde se vive – se é que cabe o verbo – com 2 reais por dia. Uma terra condenada à sanha das intervenções e à sina de ditadores ferozes. Um formigueiro de 10 milhões de moradores, incapaz de uma produção econômica estável e condenado a exportar, sobretudo, imigrantes aliviados (BRASILEIROS, 2010, p 67).

Ao usar a expressão “se é que cabe o verbo”, o autor está emitindo sua opinião de que os haitianos sobrevivem com muito pouco, na verdadeira miséria. Ele continua

**Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010**

usando adjetivos como “ditadores ferozes”, “imigrantes aliviados” e também usa a metáfora “formigueiro” para definir a população do Haiti.

Com essa introdução é possível identificar a presença da opinião do autor, uma das características apontadas por Necchi, que ele chama de texto com traços autorais. Além disso, ao utilizar metáforas e adjetivos, o autor também estaria utilizando artifícios literários para compor a reportagem.

O autor relata o contexto de guerras, pobreza, golpes de Estado, corrupção e violência que, segundo ele, são o retrato do Haiti, e finaliza seu texto contando um pouco do trabalho do Brasil, que foi indicado pela ONU para liderar a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti.

Pelo que se entende na reportagem, o autor não presenciou a tragédia, menos ainda os acontecimentos históricos pelos quais o Haiti passou desde que foi colonizado, impossibilitando assim a imersão proposta por Necchi (2007).

Entretanto, apesar do texto não seguir fielmente a proposta do jornalismo literário, conclui-se que é possível encontrar características independentes que evidenciam a influência de traços literários no texto jornalístico, comprovando dessa maneira a hipótese de que é possível encontrar características do jornalismo literário na revista Brasileiros.

Abril de 2010

Na reportagem “O vento e o tempo”, Geraldo Hasse usa como cenário o vento, para contar a história da cidade de Osório (RS) e seu distrito, Borússia, que juntos têm cerca de 42 mil habitantes. O título da reportagem foi dividido em duas páginas diferentes. Nas duas primeiras páginas encontra-se “O vento e...” com uma foto aérea da planície de Osório com os geradores eólicos e uma asa-delta sobrevoando o local. Nas páginas seguintes encontra-se o resto do título, “O tempo”, com a foto de uma igreja antiga que fica em Borússia.

O jornalista começa o texto falando do vento sempre presente na cidade, e usa uma piada regional que dizia que “esse lugar só irá pra frente no dia em que engarrafarem o vento” (BRASILEIROS, 2010, p.108). Nesse ritmo desprezioso, o

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

jornalista introduz o assunto sobre o parque eólico construído por espanhóis que funciona na cidade desde 2006, e que fez a pequena cidade passar a ser a quarta economia do Rio Grande do Sul.

O autor fornece diversos dados sobre esse produtor de energia, como tamanho, peso, velocidade que funciona e etc. Mas, entre uma informação e outra, ele resgata histórias da cidade, como a do historiador Guido Muri, que considerava que os espanhóis chegaram tarde para fazer o trabalho, pois desde 1934 a cidade já fazia experiências com a energia eólica.

Além disso, como o jornalista é um morador local e as fotos da matéria foram tiradas pelo seu filho (informações obtidas na seção de colaboradores, página 13), está clara a imersão na história a ser contada, traço literário descrito por Necchi (2007).

O texto do autor retoma bem a característica de reportagem empregada no gênero interpretativo, que segundo Sodré e Ferrari (1986, p.9), é uma narração “com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa”.

A segunda parte da reportagem fala sobre Borússia, distrito de Osório que fica no alto do morro. A cada personagem que ganha vida, também é acrescentada uma informação sobre a vila. O autor utiliza de descrição para relatar o cotidiano da cidade, característica apontada por Necchi (2007). Através desse recurso, descobre-se que o vilarejo baseia sua economia no abate de porcos, para fazer a “lingüiça de boa cepa” (BRASILEIROS, 2010, p. 110).

Durante toda a reportagem o autor segue descrevendo, metaforizando, narrando, estando imerso no assunto, dando vida a personagens comuns, utilizando um texto esteticamente literário, entre outras características presentes no jornalismo literário. Através de “O vento e o tempo”, Hasse faz “[...] com que o leitor viaje junto, o repórter cumprindo sua função primeira: colocar-se no lugar de pessoas que não podem estar lá, e contar o que viu como se estivesse escrevendo uma carta a um amigo” (KOTSCHO, 2001, p.16).

Nessa reportagem fica claro como a literatura é um recurso que pode ser empregado ao jornalismo de forma a deixá-lo mais interessante, não retirando dele a

**Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010**

característica mais importante, que é relatar acontecimentos reais. Portanto, principalmente através desta reportagem, é possível comprovar que a revista *Brasileiros* trabalha com características do jornalismo literário, obedecendo à sua proposta de ser uma alternativa ao jornalismo frio do cotidiano.

Quadro Comparativo

Com o objetivo de melhorar a visualização das características do jornalismo literário encontradas nos textos analisados, foi elaborado um quadro que identifica os elementos propostos por Victor Necchi no artigo *A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”*.

| | DEFINIÇÃO DE NECCHI² | | | | | |
|--------------------|--|---|---|---|---|---|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| REPORTAGENS | | | | | | |
| Edição 31 | X | | X | X | | X |
| Edição 33 | X | X | X | | | X |

Quadro 1 - Características do jornalismo literário segundo Vitor Necchi

Nas características propostas por Necchi (2007), considera-se que todas as reportagens analisadas possuem profunda observação, fartura de detalhes e descrições e uso de metáforas, como foi explicitado na análise dos textos.

Na edição 31, foi possível identificar traços autorais do escritor por ele ter, por diversas vezes, adjetivado pessoas e situações que apareceram no texto, dando um toque pessoal a ele, além de ter demonstrado opinião em alguns trechos da matéria.

O texto que mais apresentou características do jornalismo literário foi o da edição 33, pois apresenta o diferencial do autor estar imerso na história que foi contada.

² **Características do jornalismo literário segundo Necchi:** 1- Profunda observação; 2- Imersão na história a ser contada; 3- Fartura de detalhes e descrições; 4- Texto com traços autorais; 5- Reprodução de diálogos; 6- Uso de metáforas, digressões e fluxo de consciência

Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010

Por ser morador de Osório (RS), o jornalista conhece bem a realidade a cidade, e, para passar as informações sobre ela, utiliza diversas características da estética literária, transmitindo informações reais de maneira envolvente, o que é uma das principais qualidades do jornalismo literário.

Considerações Finais

A revista é considerada um periódico propício à adoção do jornalismo literário, por ter um padrão de noticiar os fatos de maneira diferente, já que tem mais tempo para trabalhar os diversos lados da notícia e pode utilizar inúmeros recursos para isso, como diversas fotos em uma só matéria, além de box, tabelas, diagramas, infográficos, entre outros.

Ao analisar duas reportagens de diferentes edições do periódico, constatou-se que a revista Brasileiros não possui um padrão específico de trabalho. Como a estrutura da revista é composta por colaboradores periódicos, não há um estilo próprio de reportagens, variando desde a estruturação delas como a forma de escrita.

Na reportagem da edição 31 foram identificadas, em trechos individuais, poucas características do jornalismo literário. Já na edição 33, o texto não só possuía traços desse gênero, como foi classificado como um legítimo produto do jornalismo literário.

Apesar do jornalismo literário não ser predominante das reportagens analisadas, e, conseqüentemente da revista Brasileiros, o magazine apresenta um formato diferencial, que casa com a proposta do jornalismo literário de romper com as barreiras do jornalismo tradicional.

Como a proposta da revista afirma, a Brasileiros faz um jornalismo diferente da mídia convencional, utilizando inúmeras fotos e imagens nas reportagens, permitindo que o autor da reportagem opine, escrevendo assuntos presentes na mídia de maneira diferente, e, principalmente falando de assuntos que não têm muito espaço na mídia convencional, um conceito diferente da maioria de revistas brasileiras.

Referências

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

**Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
I Encontro de História da Mídia da Região Norte
Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010**

BULHOES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo: Atica, 2007.

CAMPOS, Pedro Celso. **Gêneros do jornalismo e técnicas de entrevista**. 2009. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/10952/10422>> acesso em 20 de junho de 2010.

GOULART, Alexander. **Uma lupa sobre o jornalismo de revista**. Observatório da imprensa, 2006. <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=388DAC001>> Acesso em 03 de maio de 2010.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2001.

LOPEZ, Débora Cristina; DITTRICH, Ivo José. **Ironia e refutação como estratégias argumentativas no jornalismo interpretativo**. S/d. Disponível em <<http://www.bocc.uff.br/pag/lopez-debora-ivo-ironia-refutacao.pdf>>. Acesso em 15 de junho de 2010.

REVISTA BRASILEIROS. Brasileiros Editora. Número 31, 2010.

REVISTA BRASILEIROS. Brasileiros Editora. Número 32, 2010.

REVISTA BRASILEIROS. Brasileiros Editora. Número 33, 2010.

ROMANI, Francesca **A vida ordinária no texto não-ficcional: o caso da revista *piuí*** <http://www.pucrs.br/edipucrs/XSalaoIC/Ciencias_Sociais_Aplicadas/Comunicacao/70144-FRANCESCA_TONOLLI_ROMANI.pdf> acesso em 04 de maio de 2010

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2003. 112 p.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: Proposta de novos critérios de classificação**. Disponível em <<http://www.generosjornalisticos.com/2009/11/livro-da-tese-e-lancado-pelo-labcom.html>>. Acesso em 25 de junho de 2010.

SODRÉ, Muniz. FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.